

A IGREJA NO CÂNON ROMANO

O propósito deste artigo é buscar desvendar a noção de Igreja subjacente à Anáfora ou Oração Eucarística I, o antigo Cânon Romano. Enfoque especial será dado à dicotomia clero e povo, ministros e comunidade, presidentes e assembleia.

O texto

O texto é composto de fórmulas antiqüíssimas, bem anteriores à época em que a cristandade se dividia em classes como nobreza, clero e povo. Talvez nossas reflexões possam suavizar os efeitos práticos que a trilogia “nobreza-clero-povo” possa ter deixado.

O texto da atualmente chamada Anáfora ou Oração Eucarística I supõe a concelebração. Sendo assim, a primeira pessoa do plural que aí se encontra refere-se muitas vezes apenas aos presbíteros concelebrantes ou co-presidentes, ao clero. Com um pouco mais de atenção ao contexto imediato, podemos perceber a diferença do “nós” que inclui a assembleia toda e o “nós” que se restringe ao clero. Será o caminho para entendermos a eclesiologia que lhe está subjacente.

Referência, a família patriarcal

A Igreja, comunidade ou assembleia, é uma família, uma família do tempo em que foram formulados os textos. O pai era a autoridade máxima, a mãe e os filhos constituíam a família e, além da família, havia também os servos ou escravos. Esses estavam a serviço da família, a serviço dos filhos.

Na Oração Eucarística I, Deus é o Pai a quem se dirigem todas as orações, os ministros são os servos ou escravos e a família é o povo, os filhos de Deus. “Eles vos oferecem conosco (os co-presidentes) este sacrificio de louvor”. Eles circundam, estão em volta do altar. Os fiéis não são o público, nem mesmo a platéia, eles “oferecem conosco”, por isso “circundam este altar”.

Pouco antes ainda da Consagração diz: “Recebei, ó Pai,... a oferenda dos vossos servos (os ministros) e de toda a vossa família” (o povo, os filhos).

Logo depois da Consagração: “nós, nossos servos (os co-presidentes) e também vosso povo santo vos oferecemos”.

Pouco antes do final os tradutores introduziram um ‘todos’ que não estava no latim. Sem o ‘todos’, assim dizia o texto original: “A nós (ministros) pecadores”. Os ministros são os escravos, o povo os filhos, a família. Os ministros são pecadores, o povo é santo.

Isso se confirma na Oração pela paz: “Não olheis os nossos (dos concelebrantes) pecados, mas a fé que anima a vossa Igreja” (a assembleia ali reunida).